

O caso *Cablegate*: a narrativa colaborativa construída pela rede emergente no Twitter¹

Allan CANCIAN Marquez²

Priscilla CALMON de Andrade³

Fabio Luiz MALINI Lima⁴

Resumo

Este trabalho tem como objetivo entender a configuração da rede de discussão criada sobre o caso Cablegate no Twitter, em que milhares de telegramas secretos norte-americanos vazaram mundialmente, através da organização Wikileaks. A partir da hashtag #Wikileaks, buscou-se definir o conteúdo dessas mensagens e medir sua importância no contexto da narrativa colaborativa. Ao todo, 527 perfis e 1625 tweets foram analisados e categorizados conforme o enunciado de seus conteúdos. A rede ficou dividida em news, ativistas, comentaristas, blogueiros e agregadores de notícias. Em seguida, buscou-se destacar suas formas particulares de passar a informação para a timeline pública sobre o assunto, pontuando as características singulares de cada grupo.

Palavras-chave

cablegate; wikileaks; narrativa colaborativa; redes emergentes

1. Introdução

Desde quando a internet foi desenvolvida até os tempos atuais, a força criada para compartilhar notícias, informações sobre qualquer assunto, escândalos e outras formas

¹Artigo apresentado no Eixo 5 – Entretenimento Digital do VI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 06 a 08 de novembro de 2012.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo, email: allancancian@gmail.com

³ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo, email: priscillacalmon@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo, email: fabiomalini@gmail.com

VI Simpósio Nacional da ABCiber Entretenimento Digital

de expressão foram desenvolvidas com o simples intuito de deixar o espaço virtual agradável para todos. De lá para cá, os meios e receptores dessa gama de informações foram mudando, mas a força da colaboração continua a mesma e cada vez mais forte. Forma-se o que Antônio Negri (2003) chama de mídia de "multidão", e essa multidão não é nem encontro da identidade, nem pura exaltação das diferenças, mas é o reconhecimento de que, por trás de identidades e diferenças, possa existir 'algo comum'.

As ferramentas atuais existentes na internet, bem como às redes sociais e sites que trabalham com a interação entre as pessoas, ajudam a desenvolver um raciocínio comum, onde ideias são criadas, debatidas e revisadas. Como afirma Pierre Lévy (1993), o usuário do ciberespaço trabalha como coletivo e não simplesmente como um indivíduo sozinho na criação do conhecimento.

Essa nova forma de se criar relatos é contrária às ferramentas pré-internet - dos veículos tradicionais de comunicação- já que anteriormente a única forma de se desenvolver um conteúdo era formulando-o na cabeça do indivíduo. Com os avanços da internet, um mesmo conteúdo pode ser criado com base nos relatos de diversas pessoas, espalhadas em qualquer lugar do mundo, tendo a principal ou única semelhança um evento.

“A nova escrita hipertextual ou multimídia certamente estará mais próxima da montagem do que da redação clássica, na qual o autor apenas se preocupava com a coerência de um texto linear e estático. Ela irá exigir equipes de autores, um verdadeiro trabalho coletivo”. (LÉVY, p. 108, 1993)

Conforme as tecnologias de comunicação foram avançando e a internet conquistou o seu espaço, as redes sociais começaram a ser criadas e transformadas. Rheingold aborda que dessa forma as pessoas passaram a se comunicar mais e ficarem mais informadas sobre os assuntos que estavam ocorrendo nas suas regiões, países e de todo o planeta. “Quando se difundiu a comunicação social através da internet, os usuários começaram a se conhecer e associar-se através da rede” (RHEINGOLD, 2002).

Com a colaboração entre as pessoas, a interatividade desse novo meio de comunicação transformou-se na maior fonte de informação entre seus usuários. Diferente dos meios de comunicação antigos, onde a informação era passada de um-

VI Simpósio Nacional da ABCiber

Entretenimento Digital

para-muitos, agora na web 2.0 a informação é transmitida de muitos-para-muitos. O autor Manuel Castells acredita que “a capacidade interativa do novo sistema de comunicação dá lugar a uma nova forma de comunicação, a autocomunicação de massas, que multiplica e diversifica os pontos de entrada no processo de comunicação” (CASTELLS, 2009).

Essa interatividade interliga os usuários e disponibiliza a formação de suas próprias redes, onde eles possam criar juntos conceitos e ideias, sem precisarem para isso de algum mediador. Com isso, essa prática colaborativa gera uma “nova audiência” que complementa, corrige ou nega as informações disponibilizadas pelos meios de comunicação tradicionais.

2. #Cablegate: o vazamento online de telegramas confidenciais do governo norte-americano

Em novembro de 2010, a organização Wikileaks tem seu nome divulgado em todo mundo, com a *hashtag* #Cablegate, o dia 28 deste ano ficou conhecido nas redes sociais e em toda imprensa internacional como a data da primeira ciberguerra da história. E o auge desta guerra ocorreu, de acordo com Christofolletti e Oliveira (2011), quando 251.287 comunicados internos do Departamento de Estado Americano, escritos por 290 embaixadas e consulados, em 180 países, vazaram para todo mundo. Segundo Rosário (2010) esta seria uma guerra na qual o cidadão comum mostra que está no controle de tudo, na qual ele luta pela liberdade de expressão.

O acesso a todo material confidenciado foi realizado através do soldado norte-americano Bradley Manning, que durante uma operação no Iraque conseguiu obter acesso irrestrito a uma grande quantidade de material secreto do banco de dados dos Estados Unidos e copiou tudo em um CD regravável.

Grande parte do material, entre eles o famoso vídeo do caso Apache e relatórios de guerra do exército americano já haviam sido divulgados pela Wikileaks – em uma parceria com os veículos The Guardian, The New York Times e Der Spiegel. Mas o vazamento final ainda era esperado pela imprensa. Os veículos estavam ansiosos pelo

VI Simpósio Nacional da ABCiber Entretenimento Digital

acervo de telegramas confidenciais que comprometiam 180 países no mundo. E após um acordo entre os jornais e o Wikileaks, os mais de 250 mil telegramas foram parar nas mãos da imprensa. Neste momento, os jornais El País e Le Monde também entram no esquema de divulgação. O dia final da publicação ficou conhecido nos bastidores da produção como Dia D, no qual todo o material seria divulgado ao mesmo tempo pelos cinco veículos, no dia 28 de novembro de 2010, às 21h30 (horário de Greenwich).

Toda a edição de documentos foi feita de maneira cautelosa pelos veículos, sempre levando em conta os nomes presentes nos arquivos confidenciais, caso o perigo fosse evidente, o nome era cortado. Apesar do forte trabalho de edição, a ideia era de que todo o documento original também estivesse online, junto com a matéria produzida.

O processo corria conforme o combinado, até que no meio do caminho, uma van de distribuição da revista alemã Der Spiegel saiu 24h antes do programado e mudou o rumo do vazamento. Uma cópia da revista foi encontrada na estação pelo editor chefe da Rádio Basel, emissora local alemã, com data de 29 de novembro de 2010. E rapidamente se espalhou a notícia de que havia exemplares do material na estação. Nesse momento, o usuário anônimo conhecido como Freelancer_09 foi até o local checar a informação e em pouco tempo já divulgava o conteúdo do material no twitter (Leigh e Harding, 2011).

Após o furo levado, os veículos se reuniram e decidiram lançar uniformemente todo o material às 18h da tarde. Após o vazamento, os danos da divulgação começaram a serem sentidos pelo Wikileaks. A organização foi alvo de ataque hacker, que ocorreu através de um ataque DDOS (distributed denial of service), coordenado pelo patriota “The Jester”, conhecido no twitter pelo nome “th3j35t3r”, que se denominava um hacktivista do bem, cujo um dos objetivos era obstruir as linhas de comunicação de terroristas (Leigh e Harding, 2011).

O Wikileaks foi atacado por todos os lados. Os servidores e empresas de cartão de crédito deixaram de prestar seus serviços, principalmente pela pressão política norte-americana. Mas, para a defesa da organização, se levantou o grupo Anonymous, formado por cerca de 3 mil pessoas, que organizando-se em fóruns na internet

reivindicou os ciberataques contra as companhias americanas de cartão de crédito, tirando do ar a empresa MasterCard.

O vazamento causado pelo Wikileaks trazia para os rumos da política mundial um novo perfil, que se mostrava de forma clara no manifesto do grupo Anonymous: "defendemos o livre fluxo de informações. O Anonymous está ativamente em campanha para alcançar esse objetivo de todas as formas. Isso exige liberdade de expressão para internet, para o jornalismo, para os jornalistas e para os cidadãos do mundo [...]" (LEIGH E HARDING, 2011).

3. Metodologia

O objetivo deste artigo é analisar os diferentes movimentos dos perfis no Twitter que participaram da divulgação de informações referentes aos documentos vazados pelo Wikileaks, caso conhecido como Cablegate. A primeira ação deste trabalho foi uma análise documental do material referente ao Wikileaks e seus principais movimentos de "vazar" documentos confidenciais de governos e empresas privadas. Isso se deu a partir da busca de material online em jornais, primeiro os brasileiros, entre eles o Estadão e a Folha de São Paulo, além de conteúdo de blogs e vídeos sobre a organização. Em seguida, houve um momento de busca bibliográfica, de livros a respeito do Wikileaks, assim como artigos acadêmicos.

Esse processo de busca documental ressaltou a importância de um vazamento específico para o futuro do Wikileaks: a de telegramas confidenciais dos Estados Unidos, divulgados entre os dias 28 a 30 de novembro de 2010, que comprometiam países de todo o mundo.

A partir da identificação deste período como um marco para o futuro do Wikileaks, buscou-se analisar como se constituiu a rede que utilizava a *hashtag* #Wikileaks. Para isso utilizou-se do site Topsy⁵ para conseguir encontrar e categorizar os *tweets* referentes à *hashtag*. O site é um motor de buscas especializado em localizar conteúdo de redes sociais, como Facebook, Google+ e o Twitter, como é o caso do

⁵ www.topsy.com

VI Simpósio Nacional da ABCiber Entretenimento Digital

nosso artigo. Pelo fato da ferramenta preservar em seu histórico *tweets* antigos, tornou-se necessário o seu uso para selecionar os posts mais relevantes da época, de acordo com o próprio Topsy. Além de localizar a *hashtag* #wikileaks, o Topsy também incluía em sua busca os posts mais relevantes quem eram citados com a palavra Wikileaks, além de também selecionar a *hashtag* #Cablegate (utilizada neste período específico)

O buscador utiliza de alguns meios para calcular os resultados desses *tweets*, seja por meio dos vários *retweets* que um post recebeu ou através da audiência conquistada por links em diversos *tweets* - onde o que importa é o link em si e não a mensagem que o acompanha. No site, há várias opções para refinar a pesquisa, auxiliando assim a chegar aos resultados mais compatíveis com a realidade. E além de localizar a *hashtag* #wikileaks, o Topsy também incluía em sua busca os *tweets* mais relevantes quem eram citados com a palavra Wikileaks.

Cada conta poderia ter mais de um *tweet* e após filtrar os mais importantes iniciou-se um processo de categorização dos perfis que ajudaram a construir essa narrativa. Observou-se após certo momento que as características dos perfis se repetiam e com base nisso, os dividimos em grupos que unissem esses aspectos em comum.

No total, 527 perfis foram analisados. Tais grupos foram: *news* (151 perfis), que eram principalmente contas de grandes portais de notícia, jornais, revistas e outros sites que publicavam sobre o Wikileaks ou postavam sobre seus documentos; *blogueiros* (66), que reproduziam conteúdo próprio sobre o tema e usavam do Twitter para lançar os links de direcionamento de seus blogs; *ativistas* (46), que eram os mobilizadores da rede que usavam seus perfis (contra ou a favor) de uma causa; *agregadores de notícia* (100), responsáveis por juntar as informações mais relevantes de determinando assunto do momento. Eram os *gatekeepers*⁶ da rede (em teoria de rede, são chamados também de hubs, por fazer circular informações publicadas em nós com autoridade no assunto); e *comentaristas* (164), que *tuitavam* sobre qualquer assunto factual que considerassem importantes para sua rede de contatos, deixando ou não seu ponto de vista explícito na rede.

⁶ Porteiros da internet: controlam o que vai entrar e sair e quais as informações mais relevantes.

VI Simpósio Nacional da ABCiber

Entretenimento Digital

É importante lembrar que a análise do perfil foi baseada na descrição que o usuário se dava no Twitter, bem como seus últimos posts no micro blog. Isso foi fundamental para que descobríssemos como se dava a repercussão das mensagens de cada um desses grupos. Ou seja, a categorização dos perfis se deu anterior à análise de seus *tweets*. Com os grupos já definidos, partimos para a análise do conteúdo dos *tweets*, buscando características em comum de cada grupo específico. Neste ponto, a pesquisa já era referente aos *tweets* dos dias do vazamento, em que se notaram alguns aspectos divergentes que provavam que cada grupo não era uniformemente igual.

Ao total foram avaliados 1625 *tweets*. Dentro de cada categoria foi observada a quantidade de *retweets*, se o conteúdo exprimia algum tipo de opinião, sensacionalismo, sarcasmo, ou se apenas estavam interessados em dar a informação e falar sobre os documentos. Além disso, também foi pontuada a presença de comentários, links, observações e apontamentos futuros – que não estavam expostos em apenas uma categoria. A partir dessa análise detalhada do objeto, foi então ressaltada as características chave de cada grupo.

4. As peculiaridades da rede emergente no caso #Cablegate

Após a análise de todas as 5 categorias foi possível perceber a peculiaridade dos grupos e ressaltar quais deles possuíam um discurso mais rico em detalhes. Uma recategorização foi então realizada para reanalisar os *tweets* individuais de cada grupo, destacando a notícia explícita nesse conteúdo. Para isso foram utilizadas as classificações de notícia, que segundo Sodré e Ferrari (2011), podem ser divididas em: *anunciativas* (o simples anúncio de um fato, de forma descritiva e documental), *enunciativas* (exprime os fatos de forma narrativa, mas sem que a presença do narrador seja evidente, a história é contada por si só), *pronunciativas* (deixa sua opinião evidente a respeito de algo, tem um tom avaliativo) e *denunciativos* (seus objetivos são claramente visíveis, se mostrando contra ou favor de algo).

4.1. A reprodução de anúncios: os perfis noticiosos no caso Wikileaks

VI Simpósio Nacional da ABCiber Entretenimento Digital

O conteúdo divulgado por essa categoria pode ser pontuado, segundo Sodré e Ferrari (1986), como sendo de notícia *anunciativa*, que visa simplesmente divulgar os acontecimentos. Dentro dessa recategorização, pode-se afirmar que os perfis de news traziam em seus posts ou elementos contextualizadores dos dados divulgados, ou *tweets* caracterizados como um alerta.

Também foi observada a presença de *tweets* de conteúdo *pronunciativo*, no qual alguns veículos deixavam evidente um tipo de posicionamento em relação à notícia, seja através de um tom irônico do *tweet* ou a partir de um questionamento, como o *tweet* divulgado pela conta @wsj do Wall Street Journal: “*To publish or not to publish? How WikiLeaks is pushing news orgs to face the question <http://on.wsj.com/dLhPWx>”⁷. Importante observar que a exemplo do *tweet* anterior, alguns conteúdos pronunciativos estavam atrelados a contas de usuários que também divulgavam *tweets* *anunciativos*.*

Apesar dessa pequena incidência de conteúdos *pronunciativos*, foi observado que os perfis de news estavam apenas interessados em passar a informação para seu público alvo (é a velha estrutura de *breaking news* reproduzida no Twitter, em que a notícia de última hora se afirmar como valor primeiro da agenda jornalística). Esse processo se dava através de *retweets* (que apresentou uma grande quantidade) ou pelo direcionamento do link para o site de notícias.

Essa era uma das técnicas adotadas pelos veículos para atrair os leitores para seus sites, eles forneciam as notícias com os links ou apenas com a notícia, transcrevendo parte dos documentos em seus *tweets*, criando discussões entre seus seguidores ou até mesmo usando certo grau de sensacionalismo, como no *tweet* do portal de notícias @gizmodo, “*WikiLeaks reveals some strange schemes to gather diplomatic info <http://gizmo.do/gudZqV> Bluetooth bugs and DNA tracking!*”⁸. Cada veículo usava de uma linguagem específica para o seu público leitor, o que chamava atenção para que o conteúdo fosse lido e compartilhado nas redes sociais.

⁷ Tradução dos autores: “Publicar ou não publicar? Como o Wikileaks está fazendo os meios de comunicação enfrentarem esta questão”.

⁸ Tradução dos autores: Wikileaks revela alguns esquemas estranhos para reunir as informações diplomáticas.

4.2. O *tweet* ciberativista:

Os perfis ativistas eram visionários, ou seja, eles projetavam seus comentários e opiniões para o futuro, em causas a serem conquistadas pela mobilização popular ou pelas mudanças já conquistadas e evidentes no rumo da história.

Os *tweets* dessa categoria em geral tiveram uma grande marca *anunciativa* e *pronunciativa*, em proporções iguais em relação ao número de posts no Twitter. Isso de certa forma ressalta a característica determinante dos ativistas de se pronunciarem em um acontecimento como este. A função desse grupo é por si só uma grande manifestação de posicionamento e poder mobilizador em uma rede.

Dentre os *tweets* classificados como *anunciativos*, por exemplo, pode-se perceber que alguns continham caráter de alerta ou observações pertinentes sobre uma questão em particular (assim como os *tweets* dos news). Os *retweets* que os ativistas faziam de outras contas importantes também foram considerados como conteúdo anunciativo, já que o usuário queria chamar atenção para uma informação específica. O perfil @melodymoezzi, por exemplo, reproduziu uma informação através do *retweet* e teve como conteúdo de seu *tweet* um alerta: “RT @BreakingNews: Saudi donors remain chief financiers of militant groups like al-Qaida - NYT on#wikileaks”⁹.

As notícias *pronunciativas* divulgadas pelo grupo apresentaram opiniões explícitas tanto a favor quanto contra o vazamento de informações. Além disso, o tom apelativo também foi adotado, por exemplo, pela conta @wikileaks no Twitter: “Please use #cablegate to discuss the pending US Embassy cables release.”¹⁰, para tentar divulgar a hashtag #cablegate.

Com uma incidência bem menor de *tweets*, também foram identificados conteúdos *enunciativos* e *denunciativos*. O primeiro tipo é identificado quando um usuário tenta narrar os dados do telegrama a partir de seu ponto de vista, deixando transparecer certa “ideologia”. Esse tipo de postagem aparece em contas que tentam estar “dentro” dos acontecimentos, o que ocorre com o próprio @wikileaks. O segundo

⁹ Tradução dos autores: “Doadores sauditas permanecem como principais financiadores de grupos militantes como Al-Qaeda – New York Times sobre #wikileaks”.

¹⁰ Tradução dos autores: “Por favor, use #cablegate para discutir a liberação dos cabos pendentes da Embaixada dos Estados Unidos”.

VI Simpósio Nacional da ABCiber

Entretenimento Digital

tipo, de caráter *denunciativo*, aparece de maneira explícita e seus objetivos são fáceis de serem percebidos, como pode ser visto no *tweet* do perfil @th3j35t3r (que luta contra o Wikileaks) “*www.wikileaks.org - TANGO DOWN - for attempting to endanger the lives of our troops, 'other assets' & foreign relations*”.¹¹

Os ativistas mostraram ainda que alguns perfis eram ao mesmo tempo *anunciativos, pronunciativos e enunciativos*, destacando a multiplicidade de sujeitos e enunciados que uma mesma pessoa pode lançar para mobilizar sua *timeline*. É o caso do usuário anônimo @shoq que utiliza os três tipos de notícias para chamar a atenção de seus seguidores.

Uma tipologia específica de *tweets* marcou a característica básica desse grupo, que foi a grande reprodução de conteúdo através dos *retweets* e as reflexões e questionamentos que os usuários demonstravam pelos seus posts. O *tweet* “*#wikileaks is raising a tantalizing question today: What happens when they can't lie to us anymore?*”¹², do usuário @studentactivism, por exemplo, aponta como os ativistas usavam um assunto referente ao Wikileaks para lançar uma questão futura, nesse caso, do que aconteceria a sociedade caso o governo não pudesse mais esconder os fatos.

4.3. Comentaristas e a propensão por *tweets* pronunciativos

Os perfis comentaristas eram aqueles especializados em introduzir um olhar a tudo que estava acontecendo no evento produzido pelo Wikileaks. Eles não estavam interessados apenas em compartilhar para a *timeline* as notícias oficiais, mas muito mais em discutir sobre essas tais notícias, abordando particularidades que achavam importantes.

Graças a isso, as mensagens passadas em seus *tweets* eram mais pronunciativas, por debaterem sobre os fatos do momento. A conta @beltrandelriomx escreveu “*Enorme expectación sobre el contenido de las próximas revelaciones de Wikileaks.*”

¹¹ Tradução dos autores: “*www.wikileaks.org - Terrorista Morto - por tentar colocar em perigo a vida de nossas tropas, outros ativos e relações exteriores*”.

¹² Tradução dos autores: “*#wikileaks está levantando uma questão inquietante hoje: O que acontece quando eles não podem mais mentir para nós?*”

VI Simpósio Nacional da ABCiber

Entretenimento Digital

*Anoche, el gobierno de EU parecía muy preocupado*¹³, comentando que estava ansioso para saber das próximas informações que o Wikileaks iria vaziar e como que os EUA haviam ficado preocupados com esses vazamentos.

Tweets assim eram bastante observados na categoria, já que a maioria da informação publicada dizia respeito ao que o autor da mensagem achava. Outro tipo de mensagem pronunciativa incorporava certo tom irônico em seu conteúdo. O perfil @aisea escreveu “*Wikileaks. Isn't that what journalism used to do?*”¹⁴, criticando sutilmente o jornalismo atual e apontando que aquilo que a organização havia feito era o que os jornalistas deveriam fazer.

Outra parte dos *tweets* era anunciativa, pois eram publicados para mostrar as notícias sobre o Cablegate e não expressavam nenhum tipo de opinião. É o caso da conta @javiernavia que escreveu “*Hillary Clinton pidió informes sobre la salud mental de Cristina Kirchner. http://t.co/MshSe7K#Wikileaks*”¹⁵, onde apenas comenta sobre a notícia e passa o link da matéria. Outros perfis anunciavam as informações de última hora, alertando sua rede de contatos sobre a novidade.

Um outro modelo de divulgação foi observado, mas em menor quantidade. Trata-se dos *tweets* enunciativos, escritos para passar notícias mais técnicas e pouco anunciadas, como se a pessoa que escreveu estivesse no centro do evento. O perfil @jldevicente relatou que “*Efectivamente, hay 3620 documentos procedentes de la Embajada en Madrid. Pero el contenido aún no ha salido. #cablegate #wikileaks*”¹⁶, falando sobre os documentos que ainda deveriam ser divulgados. Por ser uma quantidade significativa de mensagens, alguns usuários ativos tweetavam mais de um tipo de categoria, não respeitando uma mesma forma de passar aquilo que dizia.

4.4. Os blogueiros e sua tendência comentarista

Os blogueiros apresentaram, no caso Wikileaks, um posicionamento diferente do esperado pela categoria em um caso de grande repercussão mundial. Após a análise do

¹³ Tradução dos autores: “Grande expectativa sobre o conteúdo das revelações futuras de Wikileaks. Na noite passada, o governo dos EUA parecia muito preocupado”.

¹⁴ “Wikileaks. Não era isso que o jornalismo costumava fazer?”

¹⁵ Tradução dos autores: “Hillary Clinton pediu relatórios sobre a saúde mental de Cristina Kirchner. <http://t.co/MshSe7K> #Wikileaks”.

¹⁶ Tradução dos autores: “Na verdade, existem 3620 documentos da Embaixada em Madrid. Mas o conteúdo ainda não saiu. #wikileaks #Cablegate”.

conteúdo dos *tweets*, observou-se que os blogueiros não linkavam para o próprio blog sobre o assunto do momento. Alguns perfis reproduziam conteúdo sobre pontos específicos do caso Wikileaks. Mas a função do blogueiro em geral, ficou muito mais sendo a de um opinador e comentarista, do que a daquele que produz material próprio para reflexão.

É o caso do blogueiro @JeffJarvis, quando afirmou em um tweet que: “If government were open by default, Wikileaks would have nothing to do & Assange would just be a guy with weird hair.”¹⁷. O conteúdo do tweet é pronunciativo e mostra o ponto de vista do usuário sobre um acontecimento.

Esse é foi um comportamento padrão dos blogueiros, já que a maioria apresentava sua opinião de forma clara e sem a presença de links que conduzisse o leitor ao seu *blog*. Um detalhe peculiar também foi identificado neste grupo, alguns tweets considerados *pronunciativos* traziam em seu conteúdo um tom *denunciativo*. É o exemplo do blogueiro @ggreenwald quando afirma “I’m keeping a running list of all the lives lost from the WikiLeaks disclosures - here are the names so far: <http://is.gd/hXc0B>”¹⁸, divulgando a lista de pessoas prejudicadas pela divulgação dos documentos pelo Wikileaks.

A segunda maior incidência dentro da categorias de blogueiros foi a de tweets classificados como *anunciativos*. Dentre eles, muitos eram apenas de reprodução de conteúdo através de *retweets* e outros apenas a notícias de alguns dados relevantes daquele momento específico.

4.5. Os agregadores de notícias e a reprodução de conteúdo

Os agregadores de notícias apresentaram em sua maioria a predominância de *tweets anunciativos*, em grande parte por ser esse grupo um reprodutor de conteúdo permanente, responsável por selecionar os assuntos mais “importantes” do momento e lançá-los em sua timeline pública. É o caso do *tweet* do usuário @earcos ao dizer que “Los documentos de Wikileaks ya están disponibles en El

¹⁷ Tradução dos autores: “Se o governo fosse aberto por padrão, Wikileaks não teria nada a fazer e Assange só seria um cara com cabelo estranho”.

¹⁸ Tradução dos autores: “Estou mantendo uma lista de execução de todas as vidas perdidas pelas revelações do WikiLeaks - aqui estão os nomes até agora”.

VI Simpósio Nacional da ABCiber

Entretenimento Digital

país: <http://bit.ly/aWbpNH>¹⁹, divulgando a informação e o link direcionado para o site.

Em geral, essa categoria apresentou características bastante divergentes daquela esperada pelo seu perfil. Os usuários não deixaram de compartilhar links e reproduzir conteúdo, que são os aspectos fortes da categoria, mas no caso Wikileaks, eles se portaram como comentaristas. É o exemplo do *tweet* do senador americano Joe Lieberman – grande agregador de conteúdos referentes a política norte-americana – no qual ele deixa claro seu ponto de vista em relação aos documentos vazados: “*Wikileaks’ deliberate disclosure of these diplomatic cables is nothing less than an attack on our national security*”²⁰.

6. Conclusão

As narrativas construídas pela timeline pública dos usuários sobre o caso #Cablegate do Wikileaks, revelou como era organizada a rede emergente no ápice do vazamento de telegramas, além de ressaltar como a informação aparecia em seus diferentes tipos de enunciado, de acordo com cada grupo específico. Cada uma delas possuía uma característica singular em sua forma, que contribuiu para a constituição de um sentido global do acontecimento.

Para Arquilla e Ronfeldt (2003) essa narrativa em rede construída pelos participantes do acontecimento, revelam a importância da história que “a gente conta” em um dado momento. Esse é, segundo ele, um modelo de narrativa triunfante, na qual é baseada em experiências, interesses e valores dos indivíduos que formam a rede. “As histórias expressam um sentimento de identidade e pertencimento: quem somos nós, por que nós estamos unidos e o que nos torna diferente deles. Além disso, as histórias comunicam um sentido de causa, propósito e missão” (ARQUILLA E RONFELDT, 2003).

A partir dessa timeline pública, percebeu-se que os usuários ajudaram a mapear a história do acontecimento muito mais através do discurso *anunciativo* e

¹⁹ Tradução dos autores: “Os documentos do Wikileaks já estão disponíveis em El País”.

²⁰ Tradução dos autores: “Divulgação deliberada pelo Wikileaks destes telegramas é nada menos que um ataque à nossa segurança nacional”.

VI Simpósio Nacional da ABCiber

Entretenimento Digital

pronunciativo, do que qualquer outro observado. Isso pode ser explicado, primeiramente, porque os usuários do Twitter têm como atividade republicar o conteúdo das mídias tradicionais presentes na plataforma (por confiarem na veracidade dos conteúdos divulgados nesses veículos), e segundo, como a maioria não se mostra disposta a ter uma leitura integral dos documentos vazados pelo Wikileaks, o uso da mediação feita pela mídia entre o arquivo bruto e editado, foi fundamental para a maior incidência desse tipo de enunciados.

A predominância das mensagens *anunciativas*, nos perfis de news e ativistas, pode ser explicado, em grande parte, pelos sites jornalísticos escreverem mensagens diretas e objetivas que anunciavam os fatos, enquanto a minoria dos outros perfis se preocupava mais em se pronunciar a respeito do Wikileaks, inclusive news, fazendo questionamentos e observações. Isso pode se explicar, como afirma Antoun e Malini (2011), por ser a narrativa jornalística marcada pela comprovação da veracidade dos fatos, com a hierarquização das fontes, a tentativa de uma enunciação distante do caso narrado e publicação de versões únicas.

As narrativas formadas pelas redes emergentes do caso #Cablegate mostram que a partir do momento em que têm acesso a novas informações, os usuários da rede se portam como propagadores de informação, construindo a narrativa de um acontecimento em sua *timeline*. É nesse momento, segundo Rheingold (2002), que os usuários da internet possuem poderes próprios, pois podem divulgar o que querem e ajudar na criação de narrativas coletivas, diferente das outras mídias onde apenas recebiam o que era passado, sem ter a possibilidade de produzir e divulgar sua interpretação em grande escala.

Referências bibliográficas

ANTOUN, H.; MALINI, F. **Controle e biolutas na cibercultura: monitoramento, vazamento e anonimato na revolução democrática do compartilhamento**. Disponível em: <http://bit.ly/MRko9F> <Acesso em 17 de junho 2012>

_____. **Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8196> <Acesso em 7 de junho 2012>



UNIVERSIDADE
FEEVALE

MESTRADO EM PROCESSOS
E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

VI Simpósio Nacional da ABCiber

Entretenimento Digital

ARQUILLA, J e RONFELDT, D. **Rede y guerras em red**. Madri: Alianza editorial, 2003.

CASTELLS, M. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza, 2009.

CHRISTOFOLETTI, R., OLIVEIRA, C. **Jornalismo pós-wikileaks: deontologia em tempos de vazamentos globais de informação**. Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura, vol. 9, nº2; 2011. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5072/3884>
<Acesso em 4 de junho 2012>

FRANCIS, R. **O caso Wikileaks e a primeira ciberguerra da história**. Muita Pimenta. Disponível em: <http://muitapimenta.com/o-caso-wikileaks-e-a-primeira-ciberguerra-da-historia/>
<Acesso em 11 de junho 2012>

LEIGH, D.; HARDING, L. **Wikileaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas: Ed. Verus, 2011.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1993.

MALINI, F. **Modelos de Colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**. In: ANTOUN, H. (Org.). Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008

NEGRI, A. **5 lições sobre Império**. DP&A Editora, 2003.

RHEINGOLD, H. **Multitudes Inteligentes: la próxima revolución social**. Barcelone: Gedisa, 2004.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SODRÉ, M; FERRARI, M.H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Ed. Summus, 1986.

